

O TOMISMO DE GUSTAVO CORÇÃO.

Ivanaldo Santos¹ – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo realizar uma apresentação do tomismo de Gustavo Corção. O ponto de partida dessa apresentação é o *último Corção*, ou seja, a última face do pensamento de Gustavo Corção que se inicia com a publicação de *Dois amores, Duas cidades*, em 1967, e termina com sua morte em 1978. Conclui-se afirmando que ao longo de toda sua obra, incluindo sua última face, Gustavo Corção sempre indicou Tomás de Aquino como sendo o *Doctor Humanitatis*. É por causa disso que a totalidade de sua obra pode ser compreendida como sendo uma proposta de Humanismo Cristão para o século XX.

Palavras-chave: Corção, tomismo, Humanismo.

Resumen: The article seeks to present a Tomistic view according to Gustavo Corção. The beginning point of this work is *último Corção*, that is, the last thoughts of Gustavo Corção, which starts in 1967 with the publication of *Dois amores, Duas cidades* and ends with his death in 1978. To finish, it shows how in his last phase, Corção, always indicated Thomas de Aquinas as being the *Doctor Humanitatis*. That's the reason why his works can be understood as being a true proposal of Christian Humanism for the 20th Century.

Keywords: Corção, Thomism, Humanism.

1. INTRODUÇÃO.

O presente artigo tem por objetivo realizar uma apresentação do tomismo de Gustavo Corção (1896-1978). O ponto de partida dessa apresentação é o *último Corção*, ou seja, a última fase do pensamento de Gustavo Corção que se inicia com a publicação de *Dois amores, Duas cidades*, em 1967, e termina com sua morte em 1978. Conclui-se afirmando que ao longo de toda sua obra, incluindo sua última face, Gustavo Corção sempre indicou Tomás de Aquino como sendo o *Doctor Humanitatis*. É por causa disso que a totalidade de sua obra pode ser compreendida como sendo uma proposta de Humanismo Cristão para o século XX.

Gustavo Corção é um pensador que atualmente não é conhecido pelo grande público brasileiro. De acordo com Adalberto de Queiroz, atualmente

¹ Doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do departamento de filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

paixa sobre este pensador um “círculo de isolamento”², ou seja, quase nada se fala desse pensador. Os manuais de filosofia e do pensamento católico não o citam e “nem mesmo os manuais de literatura mencionam aquele que foi comparado a Machado de Assis”³. As novas gerações não conhecem Gustavo Corção e com poucas exceções como, por exemplo, o Grupo de Estudos Gustavo Corção⁴, as idéias desse pensador católico quase não são divulgadas.

Entretanto, Gustavo Corção foi um dos pensadores mais lidos e discutidos no Brasil durante o período que compreende as décadas de 1940 a 1970. Ele foi um “ensaísta de idéias”⁵ que publicou quatorze livros⁶ e escreveu regularmente artigos em importantes jornais brasileiros como, por exemplo, *Tribuna da Imprensa*, *Diário de Notícias*, *Nação* e *O Globo*. Como afirma Marta Braga as “centenas de artigos que ele publicou durante anos, semanalmente, em sete dos mais importantes diários nacionais, eram esperados e lidos avidamente pelo grande público, e aumentavam substancialmente a tiragem destes jornais nos dias em que apareciam”⁷. Sobre a influência e o alcance dos artigos de Gustavo Corção, o Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa⁸ afirma que nas pequenas cidades do interior do Brasil os jornais que publicavam artigos de Corção, que circulavam apenas nos finais de semana, eram avidamente esperados e que os artigos desse pensador eram lidos e debatidos por famílias inteiras.

Sobre Gustavo Corção a escritora Raquel de Queiroz, em 1971, afirmava: “A maioria dos brasileiros conhecem duas faces de Gustavo Corção.

² QUEIROZ, A. “Uma crônica sobre Gustavo Corção ou rompendo a conspiração do silêncio”. IN: *Oito Colunas*, 27 de julho de 2004.

³ BRAGA, M. “Gustavo Corção: um gigante esquecido”. IN: *Coletânea*, n. 6, 2004, p. 251.

⁴ O Grupo de Estudos Gustavo Corção se dedica ao estudo do pensamento corçonianiano e estudo de temas relacionados com a tradição católica, filosofia, política, história e temas correlatos. O coordenador do grupo é o filósofo Fernando Rodrigues Batista. As discussões travadas por esse grupo podem ser encontradas no Blog Reconquista (<http://reconquistabr.blogspot.com>).

⁵ VILLAGA, A. C. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975, p. 145.

⁶ Os livros de Gustavo Corção são os seguintes: *A Descoberta do Outro*, Editora Agir, 1944, *Três Alqueires e Uma Vaca*, Editora Agir, 1946, *Lições do Abismo*, Editora Agir, 1950, *As Fronteiras da Técnica*, Editora Agir, 1954, *Dez Anos*, Editora Agir, 1956, *Claro Escuro*, Editora Agir, 1958, *Machado de Assis*, Editora Agir, 1959, *Patriotismo e Nacionalismo*, Editora Presença, 1960, *O Desconcerto do Mundo*, Editora Agir, 1965, *Dois Amores Duas Cidades*, Editor Agir, 1967, *O Século do Nada*, Editora Record, 1973, *A Tempo e Contra-tempo*, Editora Permanência, 1969 e *Progresso e Progressismo*, Editora Agir, 1970. Além dessas obras foi publicado postumamente o livro *As Descontinuidades da Criação*, Editora Permanência, 1992.

⁷ BRAGA, M. op., cit, 2004, p. 249.

⁸ COSTA, PE. J. B. de A. P. F. Saudades de Gustavo Corção. *Associação Santa Maria das Vitória*, Anápolis, 2 de abril de 2008. Disponível em <http://www.santamariadasvitorias.com.br>. Acessado em 10/06/2009.

Uma, a do escritor exímio, a usar como ninguém a língua portuguesa, o autor que, vivo ainda, graças a Deus, é um indiscutível clássico da literatura nacional. [...]. A segunda face é a do anjo combatente, de gládio na mão, a castigar os impostores que vivem a gritar o nome de Deus e da Sua Igreja, não para os louvar, antes para apregoar na feira inocente-útil do ‘progressismo’⁹. Ainda sobre este mesmo autor Oswaldo de Andrade, em 1952, ressaltava: “Não me lembro de em toda a minha vida ter conhecido, entre artistas e literatos, uma figura tão impressionante como a de Gustavo Corção. [...]. Gustavo Corção é um inquebrável — faca de dois gumes. E isso muito se liga às virtudes intelectuais que o fazem, sem dúvida, o nosso maior romancista vivo”¹⁰.

2. O CÍRCULO DE ISOLAMENTO.

Se Gustavo Corção foi um pensador tão influente e brilhante, então por que ele foi condenado a um círculo de isolamento?

É muito difícil dar uma resposta definitiva para essa pergunta. Além do mais este não é o objetivo desse artigo. Entretanto, é possível vislumbrar apenas quatro possibilidades de resposta para essa indagação.

A primeira possibilidade são as críticas que são feitas à obra de Gustavo Corção sem, no entanto, haver uma análise e uma reflexão aprofundada sobre a obra desse pensador, como também sobre o contexto histórico em que a mesma foi produzida. Entre essas críticas é possível citar, por exemplo, a acusação de Corção ser um pensador que procurou dar “legitimidade ao regime militar”¹¹ implantado no Brasil em 1964 e de ser um moralista preocupado em resguardar e, ao mesmo tempo, educar a classe média¹².

A segunda é a formação do clero e da intelectualidade leiga católica brasileira após a década de 1970. Grande parte dessa formação estimula o estudo de pensadores contemporâneos como, por exemplo, Heidegger, Rorty e Foucault. Além disso, existe um constante estímulo a se interpretar a história e a doutrina da Igreja a partir de escolas de pensamento do século XX como o marxismo e o existencialismo. Neste contexto, um autor como Gustavo Corção, que sempre indicou o estudo aprofundado de Tomás de Aquino e de

⁹ QUEIROZ, R. “O amigo”. IN: *Permanência*, novembro de 1971.

¹⁰ ANDRADE, O. “Gustavo Corção”. IN: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5-4-1952.

¹¹ PAULA, C. J. “Consagração e deslegitimação: Gustavo Corção na crônica brasileira”. IN: *Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Associação Brasileira de Sociologia: Recife, 2007, p. 6.

¹² GUARIZA, N. M. “Literatura moralista: intermediação cultural entre a ortodoxia católica e a classe média”. IN: *Anais do XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR*. “Patrimônio Histórico no Século XXI”. Jacarezinho, dos dias 21 a 24 de Maio de 2008.

toda a rica tradição filosófica católica, termina sendo visto como ultrapassado, fora da realidade histórica e desatualizado.

A terceira possibilidade é a atual conjuntura política brasileira, a qual favorece a um esquecimento, mesmo que temporário, das idéias de Corção. Atualmente o Brasil – e grande parte da América Latina – é governado e profundamente influenciado por idéias e setores políticos ligados à esquerda. É preciso deixar claro que Corção foi um lúcido crítico do marxismo e das correntes políticas que derivaram dessa ideologia¹³. Relegar Corção ao isolamento é uma tática sofisticada de não se debater os graves problemas que circundam a vida política nacional. Todavia, essa possibilidade necessita de um maior aprofundamento teórico. Algo que o presente artigo não comporta.

A quarta e última possibilidade é uma incompreensão por parte de setores da intelectualidade católica e laica. Talvez esses setores estejam olhando apenas para o *último Corção*, ou seja, o Corção que emerge após a publicação de *Dois amores, Duas cidades*, em 1967, e vai até sua morte em 1978. Um Corção que em grande medida renuncia a sua vocação de escritor e torna-se um intelectual católico engajado num projeto de crítica a modernidade e de recristianização do Ocidente. O *último Corção* é marcado pelo discurso engajado e, às vezes, pela “fraqueza de argumentação”¹⁴, por ataques duros aos seus adversários intelectuais, pela denúncia dos modismos acadêmicos e eclesiais, pela denúncia das interpretações equivocadas do Concílio Vaticano II realizadas por setores do clero nacional. Além disso, nesta face o discurso produzido por Corção torna-se duro e às vezes agressivo e amargo. Ele desfere duras críticas contra a intelectualidade e o clero católico no Brasil. É por causa disso que Luís Washington Vita afirma que Corção está “preso a uma consciência conservadora capaz de propiciar toda sorte de perplexidade”¹⁵.

Essa fase é classificada por Christiane Jalles de Paula¹⁶ como sendo o período de *deslegitimação*, ou seja, é o período em que as críticas de Corção atingem a orientação pastoral oriunda do Concílio Vaticano II e da hierarquia católica. Com isso, instalou-se um clima de animosidade entre Gustavo Corção e a hierarquia católica no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, cidade onde nasceu e viveu até a morte. Esse clima atinge seu ponto máximo quando em 22/01/1976 Corção publica um artigo no jornal *O Globo*

¹³ MOURA, D. O. “Gustavo Corção, a ‘onipotência psicológica’”. IN: *Idéias católicas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1978, p. 157.

¹⁴ BRAGA, M. *op.*, cit., 2004, p. 251.

¹⁵ VITA, L. W. “À guisa de prefácio”. IN: CAMPOS, F. A. *Tomismo e neotomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968, p. 14.

¹⁶ PAULA, C. J. *op.*, cit., 2007, p. 13.

criticando o Papa Paulo VI¹⁷. Neste artigo, Corção discordou publicamente e oficialmente da política conciliatória que o Papa Paulo VI estava adotando com relação aos países socialistas e também aos países que seguiam outras orientações filosóficas contrárias à doutrina da Igreja. Para Corção essa política era anti-evangélica e, portanto, anti-católica. Essa discórdia, juntamente com todos os antecedentes de críticas que Corção já havia realizado contra a hierarquia católica, culminou na publicação, no jornal *O Globo* em 24/01/1976, do decreto de desautorização de Gustavo Corção¹⁸. Decreto que foi promulgado pelo Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales, arcebispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Brasil. Na prática a partir da data da publicação desse decreto Gustavo Corção não poderia mais falar em nome da Igreja e todos os seus pronunciamentos teriam apenas caráter pessoal.

É por este motivo que ao morrer, em 1978, Gustavo Corção terminou ficando com a *marca* de radical, ou seja, com a fama de conservador e de cismático. Uma espécie de Dom Quixote brasileiro que defendia um catolicismo que já não mais existia.

Todavia, é preciso questionar: será que realmente Gustavo Corção era o Dom Quixote brasileiro? Um pensador delirante que defendia uma sociedade não mais existente? Ou ele era um pensador lúcido, que como todos os pensadores cometem erros de argumentação?

Para tentar dar uma resposta a essas perguntas é preciso conhecer o tomismo de Gustavo Corção.

3. O TOMISMO DE GUSTAVO CORÇÃO.

É preciso esclarecer que Gustavo Corção não nasceu tomista. Como a maioria dos jovens intelectuais de sua época, ele foi atraído no início do século XX pelo positivismo, pelo marxismo e por outras correntes de pensamento contrárias ao Cristianismo.

Ele tomou contato com o positivismo principalmente na década de 1920 quando fez o curso de engenharia na Escola Nacional de Engenharia no Rio de Janeiro que, naquele momento histórico, era um forte reduto do positivismo. Além disso, teve contato com outras correntes de pensamento como o materialismo oriundo do marxismo e o ateísmo niilista defendido pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Em *A descoberta do outro* ele afirma ter

¹⁷ CORÇÃO, G. “Paulo VI e o franquismo”. IN: *O Globo*, 22/01/1976.

¹⁸ ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO. Decreto de desautorização do leigo Gustavo Corção. IN: *O Globo*, 24/01/1976.

estudado e seguido as idéias dos marxistas e dos nietzschianos antes da sua conversão ao Cristianismo¹⁹.

De acordo com Marta Braga²⁰, a morte da sua esposa, em 1936, fez que Corção mergulhasse em um doloroso vazio existencial. Esse vazio conduziu-o a questionar as correntes filosóficas que havia estudado e, em certo sentido, seguido.

Lentamente Gustavo Corção encontra forças para se aproximar da fé cristã. Essa aproximação tem dois níveis de mediação. O primeiro é o intelectual. Com a ajuda do escritor inglês e convertido ao catolicismo G. K. Chesterton e do filósofo neotomista Jacques Maritain, Corção passa a compreender a necessidade da busca pela verdade que transcende a vida material e alcança a realidade mística e divina. O segundo é o espiritual. Com a ajuda de monges beneditinos do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, especialmente Dom Tomás Keller e Dom Martinho Michler, Corção descobre a beleza, a leveza e a felicidade que apenas a experiência mística pode trazer ao homem²¹. Esse processo de conversão é descrito pelo próprio Gustavo Corção em seu primeiro livro, ou seja, *A descoberta do outro*, publicado originalmente em 1944. Trata-se de um dos livros mais belos e poéticos de toda a literatura brasileira.

Para Antônio Carlos Villaça, Gustavo Corção faz parte da chamada *geração dos convertidos*, ou seja, a geração de intelectuais que se converteram ao catolicismo nas décadas de 1920 e 1930²² e, com isso, ajudaram a renovar e aprofundar o pensamento católico no Brasil. Entre os ilustres intelectuais dessa geração encontram-se, por exemplo, Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo.

Desde 1939, quando de sua conversão ao catolicismo, Gustavo Corção apresentava-se como um tomista. Sendo que este tomismo era colhido principalmente através de G. K. Chesterton e de Jacques Maritain. Ricardo Vélez Rodríguez é enfático ao afirmar que Gustavo Corção é um pensador tomista da primeira metade do século XX²³ e Dom Odilão Moura²⁴ afirma que Gustavo Corção era um amante de Machado de Assis, de quem, por vezes, imita o estilo, e a sua formação intelectual católica foi baseada em Columba Marmion e Garrigou-Lagrange, e, acima de tudo, em Tomás de Aquino.

¹⁹ CORÇÃO, G. *A descoberta do outro*. 10 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2000, p. 134.

²⁰ BRAGA, M. *op.*, *cit.*, 2004, p. 250.

²¹ VILLAÇA, A. C. *op.*, *cit.*, 1975, p. 144.

²² VILLAÇA, A. C. *op.*, *cit.*, 1975, p. 139.

²³ RODRÍGUEZ, R. V. *A filosofia brasileira, marco epistemológico para a gestão do conhecimento*. Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa”: UFJF, 2007, p. 18.

²⁴ MOURA, D. O. *op.*, *cit.*, 1978, p. 156.

Em grande medida é inspirado pelo tomismo e pelo desejo de evangelizar que Gustavo Corção contribui para a formação do Centro Dom Vital. Sobre esse centro de cultura católica Flávio Lemos Alencar²⁵ afirma que “o Centro Dom Vital era – e continua sendo – um lugar de encontro de pensadores, lugar de ensino e aprendizagem da filosofia tomista. Seu primeiro presidente foi o escritor Jackson de Figueiredo, que, com um grupo de amigos, criou em 1921 a revista *A Ordem*. A difusão do tomismo não era o propósito primordial do Centro, mas o fomento de uma cultura católica no Brasil. A iniciativa de promover o tomismo era, pois, mais de caráter apologético do que estritamente filosófico ou teológico o que não impediu o Centro de ter pensadores de grande densidade entre seus sócios. O Centro Dom Vital também foi a incubadora de diversas outras empreitadas, entre as quais a da fundação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). O Centro Dom Vital, pelos contatos que promoveu, representa uma síntese do pensamento carioca e brasileiro de matriz católica no século XX. Em sua revista, *A Ordem*, até hoje publicada, encontramos as diversas correntes do pensamento católico brasileiro, que refletem e se projetam nas diferentes opiniões sociais, políticas e filosóficas que circulam pela sociedade e não são incompatíveis com a doutrina católica. Também no âmbito da filosofia o Centro foi um lugar de discussão e aprofundamento. Assim sendo, a filosofia tomista não podia estar ausente de suas reflexões. Pensadores como Gustavo Corção, Alceu Amoroso Lima, sobretudo em sua primeira fase, Alexandre Correa, Leonardo Van Acker, Alfredo Lage e José Pedro Galvão de Sousa, entre tantos outros, participaram da investigação filosófica tomista promovida pelo Centro Dom Vital”.

Todavia, segundo Antônio Carlos Villaça²⁶ somente no período entre 1949 e 1950 é que Gustavo Corção torna-se realmente um tomista. Nesse período ele realiza um curso de filosofia tomista no Mosteiro de São Bento, pertencente à Ordem de São Bento (OSB), no Rio de Janeiro com Dom Irineu Pena, um conhecido tomista dessa época, e estudou pelo *Cursus Philosophicus* de João de Santo Tomás. A partir desse momento Corção passa a estar vinculado à ala tomista do referido mosteiro. Essa ala era formada por monges como, por exemplo, o próprio Dom Irineu Pena, Dom Odilão Moura e Dom Leão Matos. É a partir dessa época que ele passa a defender o princípio de que o que “Santo Tomás deseja de nós é que descubramos, na meditação das obras de Deus, que Deus é causa primeira de tudo, causa eficiente segundo o seu poder, causa exemplar segundo sua sabedoria, e causa

²⁵ ALENCAR, F. L. “Academias e Institutos Tomistas na Europa e no Brasil (1879-2008)”, *Aquinate*, n.º.7, (2008), pp. 187-189.

²⁶ VILLAÇA, A. C. *op., cit.*, 1975, p. 147-148.

final segundo sua bondade; ou que cheguemos a vislumbrar, na essencial bondade de todas as coisas, o reflexo daquela Bondade que é o próprio Deus”²⁷.

Entretanto, o tomismo de Corção permanece vinculado a Jacques Maritain. Ele é enfático ao afirmar que foi influenciado por Maritain e, por isso, recomenda a “veneração por Santo Tomás”²⁸. Influenciado e fundamentado por Maritain ele desenvolve um pensamento sofisticado que, simultaneamente, critica as correntes modernas de pensamento e busca um diálogo com o homem. É por causa disso que Marta Braga afirma que o tomismo de Corção trata-se de um tomismo que “crê na capacidade da razão humana e na adequação à realidade. Opõe-se assim às correntes niilistas, racionalistas e idealistas. Sua mensagem vence, portanto, a barreira da subjetividade moderna. Está disposto a encontrar-se com o mundo e com o outro de uma forma racional”²⁹.

Gustavo Corção foi um dos grandes especialistas e intérpretes do pensamento de Jacques Maritain no Brasil. Poucos conheceram Maritain tão bem como Corção. Apenas para se ter uma pequena amostra de como Corção conhecia bem a obra de Maritain, em 1943, diante de uma série de críticas feitas a Jacques Maritain – a maioria dessas críticas eram fruto de uma leitura superficial da obra desse pensador – Gustavo Corção publica na revista *A Ordem* uma das mais sólidas e consistentes apresentações e defesas das idéias de Maritain no Brasil³⁰.

Foi sob a influência do tomismo de Jacques Maritain que Gustavo Corção escreveu importantes artigos no cenário intelectual brasileiro. Entre esses artigos citam-se: *Existirá a matéria?*, um artigo publicado no jornal *Diário de Notícias* em 31/01/1960³¹, em que ele realiza uma crítica ao materialismo moderno oriundo do pensamento de Descartes, Hobbes e Locke, e *Disparates e contradições do tempo*, artigo publicado na revista *A Ordem* em 1959³². Nesse artigo ele faz uma profunda e serena crítica ao marxismo³³ e, por conseguinte, à esquerda. Ele demonstra como, em última instância, o marxismo e a esquerda não desejam a implantação da liberdade e da justiça social, mas

²⁷ CORÇÃO, G. “A Criação”. IN: *Permanência*, julho/agosto 1990, números 260/261.

²⁸ CORÇÃO, G. “Estranho critério de uma revista eclesiástica”. IN: *O Globo*, 27/04/1968.

²⁹ BRAGA, M. *op., cit.*, 2004, p. 255.

³⁰ CORÇÃO, G. “Em torno de um artigo contra Maritain”. IN: *A Ordem*, n. XXX, jul./dez. 1943, p. 362-378.

³¹ CORÇÃO, G. “Existirá a matéria?” IN: *Diário de Notícias*, 31/01/1960.

³² CORÇÃO, G. “Disparates e contradições do tempo”. IN: *A Ordem*, jul-ago. 1959.

³³ Com relação ao marxismo Gustavo Corção afirma que a “cidade perfeita do marxismo [sua proposta de justiça social] é indesejável para um homem de fé”. CORÇÃO, G. *A tempo e contratempo*. Rio de Janeiro. Permanência, 1969, p. 207.

apenas a implantação de mais um regime tirânico igual a tantos outros que a humanidade já presenciou.

A influência de Jacques Maritain no pensamento de Gustavo Corção é nítida em grande parte de sua obra intelectual, incluindo seus livros. É possível afirmar que Maritain foi o bom companheiro de Corção até a publicação do *Desconcerto do mundo* em 1965.

Foi com Maritain que Gustavo Corção pode refletir sobre os perigos da técnica. Essas reflexões são apresentadas no livro *As fronteiras da técnica* de 1963. Sobre a questão da técnica no pensamento de Gustavo Corção, Fernando Arruda Campos afirma que ele “condena o tecnicismo, entendido, não como multiplicação de máquinas e aparelhos, nem como o gosto e admiração pelo progresso técnico, mas como a doutrina que visa transplantar para os domínios da vida moral os métodos, o critério e o estilo próprios da técnica”³⁴.

Entretanto, não se deve pensar que Gustavo Corção é um mero discípulo de Jacques Maritain. Alguém que apenas repete as idéias do mestre. Muito pelo contrário, por meio do neotomismo de Maritain, Corção conseguiu construir uma obra literária de rara beleza e, ao mesmo tempo, realizar uma profunda análise do cenário político e eclesial do Brasil.

Todavia, no final da década de 1960 e início de 1970 o Brasil e o mundo passavam por profundas transformações. Essas transformações serão apresentadas em três planos: nacional, internacional e eclesial.

No plano nacional havia o endurecimento da ditadura militar. Gustavo Corção foi um dos intelectuais brasileiros que saudaram a implantação do governo militar, em 1964, como uma forma de garantir a liberdade civil e evitar que o país se transformasse em mais uma ditadura socialista. Entretanto, na década de 1970 o regime militar havia se transformado em uma tirania igual ao socialismo. Além disso, começava a despontar dentro da cultura nacional os valores secularizados da Europa neopagã que defendiam, por exemplo, o divórcio, o amor livre³⁵ e a não participação dos cidadãos na vida religiosa. De forma muito lúcida, Corção identificou esses valores como sendo anticristãos e, portanto, perigosos para a identidade católica brasileira.

No plano internacional despontava, de um lado, o neomarxismo da Escola de Frankfurt, especialmente com o pensamento de Max Horkheimer e Theodor Adorno, e o marxismo estruturalista representado por Louis Althusser. Estas correntes de pensamento pregavam mudanças sócio-culturais que, em grande medida, representavam o fim da experiência cristã no Ocidente. Do

³⁴ CAMPOS, F. A. *Tomismo e neotomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968, p. 219.

³⁵ Sobre as reflexões de Gustavo Corção sobre questões como o divórcio e o amor livre, recomenda-se consultar: CORÇÃO, G. *Claro Escuro*. Rio de Janeiro: Agir, 1958

outro lado, havia uma série de experiências culturais protagonizadas pela juventude que tinham como meta central a constituição de um modelo de sociedade alternativo à sociedade ocidental. Entre essas experiências é possível citar o levante estudantil de maio de 1968 e o famoso festival de rock na cidade de Woodstock, nos EUA, em 1969. Essas experiências tinham como marca central a irreverência e um momento de profundo delírio e perda da consciência moral por parte da juventude. Entretanto, faltavam nessas experiências os sólidos valores morais cristãos.

No plano eclesial tinha-se o Concílio Vaticano II que promoveu um reordenamento pastoral da Igreja. Na década de 1970 houve muitas interpretações exageradas e até mesmo equivocadas do Concílio por parte de setores do clero católico. De um lado, houve muito abuso litúrgico e desvio doutrinal. No Brasil, a Teologia da Libertação (TL) praticamente implantou dentro da pastoral católica a ditadura do pensamento único. Neste período histórico seguir uma orientação pastoral contrária à TL – como fez Gustavo Corção – significava ser marginalizado dentro dos círculos católicos. Do outro lado, houve um brusco e irrefletido abandono de Tomás de Aquino. Em curto espaço de tempo a filosofia perene de Tomás de Aquino, que iluminou a Igreja durante séculos, passou a ser substituída pelo pensamento filosófico moderno. Em muitos ambientes intelectuais católicos (universidades, seminários, conventos, mosteiros, etc.) o tomismo foi abandonado e substituído por pensadores como, por exemplo, Karl Marx, Freud e Heidegger. Nesta época desenvolver uma atividade intelectual fundamentada por Tomás de Aquino significava ser rotulado de ultrapassado e de conservador. Diante de tantos problemas Gustavo Corção adotou uma “posição hostil e contrária ao Concílio”³⁶.

A posição contrária ao Concílio Vaticano II conduziu Corção a se aproximar de “grupos radicais”³⁷ que negavam as orientações pastorais do Concílio e defendiam a Igreja anterior ao mesmo. Gustavo Corção se aproximou e até mesmo se identificou com o movimento tradicionalista, ou seja, os setores católicos que defendiam a existência e a permanência da Igreja anterior ao Concílio. Por causa disso ele se aproximou de um dos fundadores e líderes do movimento tradicionalista, ou seja, o arcebispo francês Marcel Lefebvre.

³⁶ MOURA, D. O. *op., cit.*, 1978, p. 157.

³⁷ BRAGA, M. *op., cit.*, 2004, p. 251.

Este arcebispo desenvolveu uma intensa crítica ao Concílio³⁸ e fundou, em 1968, um dos mais atuantes e influentes institutos sacerdotais tradicionalistas. Trata-se da Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX)³⁹. Por causa da querela envolvendo os tradicionalistas e a Santa Sé, o arcebispo Marcel Lefebvre terminou ordenando, no dia 30 de junho de 1988, quatro bispos da FSSPX sem a autorização do Vaticano. Por causa disso, os quatro bispos ordenados incorreram em excomunhão *latae sententiae*, declarada formalmente pela Congregação para os Bispos no dia 1º de julho de 1988 e a FSSPX passou a viver uma situação de proto-cisma dentro da Igreja. Após um longo e demorado processo de negociação entre a Fraternidade Sacerdotal São Pio X e a Santa Sé o Papa Bento XVI revogou as excomunhões no dia 21 de janeiro de 2009⁴⁰.

A aproximação e até mesmo a identificação entre Gustavo Corção e estes grupos radicais conduziu-o a se “afastar de Maritain”⁴¹. A partir de 1967, ano da publicação de *Dois amores*, ele passa a perceber que apesar da adesão declarada de Maritain ao tomismo, a sua filosofia da história e a sua sociologia convergiam com o neo-modernismo que despontava na primeira metade do século XX entre jovens sacerdotes jesuítas e dominicanos.

³⁸ Com relação à crítica de Marcel Lefebvre ao Concílio Vaticano II recomenda-se consultar: LEFEBVRE, M. *Carta aberta aos católicos perplexos*. Tradução João Carlos Cabral de Menedozas. Rio de Janeiro: Permanência, 1998; *Do liberalismo à apostasia: a tragédia conciliar*. Tradução Ildefonso Albano Filho. Rio de Janeiro: Permanência, 1991; *Acuso o Concílio*. Tradução Permanência. Rio de Janeiro: Permanência, 2008; *A Missa de Lutero*. Tradução Permanência. Rio de Janeiro: Permanência, 2004; *Destruir a Missa*. Tradução Permanência. Rio de Janeiro: Permanência, 2004.

³⁹ Atualmente a FSSPX está presente em 61 países, possui aproximadamente 509 padres, com 215 seminaristas, 85 irmãos, 157 irmãs e 75 oblatas. Além disso, possui também uma casa geral, 6 seminários, 19 distritos, 2 institutos universitários, 83 escolas, 7 casas para idosos e orienta pastoralmente e espiritualmente várias casas, em vários países do mundo, de religiosos e religiosas pertencentes aos movimento católico tradicionalista. Sob sua responsabilidade encontram-se aproximadamente um milhão de fiéis católicos.

⁴⁰ Com relação às negociações que resultaram na revogação das excomunhões dos bispos e da atual situação canônica da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, recomenda-se consultar: SACRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Decreto de levantamento das excomunhões dos bispos da Fraternidade Sacerdotal São Pio X*. Vaticano, 21 de Janeiro de 2009, CARTA DE SUA SANTIDADE BENTO XVI AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA. *A propósito da remissão da excomunhão aos quatro Bispos consagrados pelo Arcebispo Lefebvre*. Vaticano, 10 de Março de 2009, SECRETARIA DE ESTADO DO VATICANO. *Nota da Secretaria de Estado sobre o levantamento da excomunhão dos quatro Bispos da Fraternidade São Pio X*. Vaticano, 4 de Fevereiro de 2009, COMUNICADO DA SALA DE IMPRENSA DA SANTA SÉ. *Sobre a retirada da excomunhão de quatro bispos ordenados por dom Lefebvre*. Vaticano, 21 de Janeiro de 2009.

⁴¹ VILLAÇA, A. C. *op., cit.*, 1975, p. 148.

A partir desse momento Corção passa a fazer outra leitura de Jacques Maritain. Para ele, Maritain não conseguiu romper com a posição niilista e, por conseguinte, anticristã presente na filosofia moderna. Com isso, ele terminou fazendo muitas concessões a filosofia moderna, inclusive com o positivismo e o marxismo.

Essa outra leitura que Gustavo Corção realiza de Maritain teve duas grandes e sérias conseqüências.

A primeira conseqüência é que Gustavo Corção vai à busca das raízes do tomismo. Com isso, o seu tomismo passa a ser, de um lado, fidedigno, ou seja, colhido diretamente de Tomás de Aquino e não por meio do neotomismo do século XX, especialmente de Jacques Maritain. Do outro lado, passa a ser um tomismo fideísta, ou seja, uma leitura quase que ao pé da letra da obra do Aquinate. Este tomismo fideísta também pode ser classificado de tomismo tradicionalista, ou seja, a leitura tomista realizada por grupos ligados ao movimento tradicionalista no século XX.

A segunda conseqüência é que Corção lentamente se afastou de Alceu Amoroso Lima, uma amizade de quase quarenta anos, e termina rompendo com o Centro Dom Vital e, por conseguinte, criando, juntamente com Júlio Fleischman, a Fundação Cultural Católica Permanência. Uma fundação que tem por objetivo evangelizar e difundir a cultura católica a partir do tomismo tradicionalista.

O ponto alto do rompimento de Gustavo Corção com Maritain é a publicação, em 1973, do livro *O século do nada*. Neste livro Corção realiza uma revisão do século XX, incluindo o Concílio Vaticano II, o qual ele via como sendo uma forma da Igreja se autodemolir e, com isso, haveria um triunfo do mal. A proposta de Corção, ou seja, revisar o século XX, é digna e elogiável. Entretanto, neste livro não existe o Gustavo Corção que era um “estilista da pena”⁴², um escritor genial que muitos críticos literários indicavam como sendo o sucessor de Machado de Assis. Nele há o *outro Corção*, ou seja, um escritor agressivo, indignado com o século XX mergulhado no secularismo, no neopaganismo e na violência. Neste livro Corção não poupa ataques, inclusive contra a Igreja que ele tanto amou. Em grande medida é o livro de Corção que possui pouca sofisticação argumentativa e muita opinião pessoal, sem a devida fundamentação histórico-filosófica.

Em um artigo intitulado *Cristianismo e humanismo*, publicado no jornal *O Globo*, de 17/01/1976⁴³, Gustavo Corção explica porque rompeu com Jacques Maritain e, por conseguinte, sua nova posição frente ao tomismo. Trata-se de um longo artigo onde ele expõe seus motivos para o rompimento. É muito

⁴² MOURA, D. O. *op., cit.*, 1978, p. 156.

⁴³ CORÇÃO, G. “Cristianismo e humanismo”. IN: *O Globo*, 17/01/1976.

útil para a compreensão do tomismo do *último Corção* a leitura de pelo menos uma parte desse artigo. De acordo com as próprias palavras de Gustavo Corção:

Ora, desde nossos últimos livros e artigos, e desde a fulgurante evidência dos efeitos causados por posições tomadas nos anos [19]30, e sobretudo depois do que já escrevi no *O Século do Nada*, tornou-se clara a necessidade de optar entre os autores de *Humanismo Integral* [de Jacques Maritain] e *Dois Amores - Duas Cidades* [de Gustavo Corção]. São dois livros que se opõem no que têm de principal, e por isto são inconciliáveis nas questões colocadas no elevado plano em que se estudam as relações entre a Igreja e o Mundo, e o sentido da História visto não em termos do êxito temporal humano, mas em termos das relações da História com a sorte do homem. Escrevi *Dois Amores - Duas Cidades* não somente para situar na infiltração nominalista toda a causa da crise do cristianismo, mas principalmente para mostrar que, no apogeu do milagre da Idade Média, uma misteriosa reprise do pecado original levou os homens da cristandade a um levante coletivo, mais gravemente caracterizado pelo “humanismo” do que pela reforma. Com apoio nas mais luminosas lições da *IIa IIae* de Santo Tomás, esbocei um pequeno tratado sobre o amor-próprio, sem o qual nada se entende desta civilização do homem exterior que nega a praticabilidade do cristianismo em nossos tempos, sem a interposição de um humanismo que amoleça as durezas da doutrina cristã e arredonde as arestas da Cruz. [...]. Ora, apesar da reserva das últimas linhas, o que fica patente é que Maritain achou necessário despir-se da armadura de tomista, ou de católico como diria Henry Bars, para tratar “*d’une façon nouvelle*” os problemas dos “Tempos Modernos”. Santo Tomás é assim declarado inadequado para tais estudos. Maritain não quer engajar “*Saint Thomas lui-même*” (!), e depois escrever essa frase sem sentir a chocante impropriedade do termo *lui-même*, que invoca não a obra, mas a pessoa de um santo morto há sete séculos, diz que nesta obra de “*recherches*” só se engaja a si mesmo. [...]. Na época em que escrevi *Dois Amores - Duas Cidades* não tive clara consciência de estar escrevendo um livro oposto ao *Humanismo Integral* de Maritain. Hoje a evidência é solar e dolorosa. Maritain, dizendo em seu *Avant-Propos*, que coloca sua obra no plano da filosofia prática, na verdade despoja a matéria tratada de toda a seiva Mística e teológica, e com isto tenta afirmar a praticabilidade de um mundo que se afastou de Deus graças a um humanismo que é o pseudônimo do grande pecado desta civilização apóstata. Em muitos pontos nossas obras se opõem, porque não faço outra coisa todos os dias, senão reafirmar minha confiança no cristianismo dos Santos, dos santos papas, santos doutores, santos mártires — no cristianismo de Jesus, Maria e José.

Neste artigo Gustavo Corção afirma que Maritain renegou o tomismo para poder debater e até mesmo agradar ao pensamento moderno. Para Corção se um indivíduo deseja continuar sendo católico só resta o caminho do rompimento – neste caso com Jacques Maritain – e viver radicalmente a experiência da fé cristã dentro da Igreja, a qual é o depósito vivo da mensagem salvífica trazida por Jesus Cristo.

O princípio de viver radicalmente a experiência da fé cristã orientou as posições e disputas intelectuais do *último Corção*, ou seja, o Corção que vai da publicação de *Dois amores, Duas cidades*, em 1976, até sua morte em 1978.

Neste período Gustavo Corção torna-se um combatente solitário, que denunciava de forma agressiva e, muitas vezes com fraca argumentação, o secularismo e o neopaganismo que lentamente penetravam no Brasil, principalmente por meio das universidades e institutos de ensino superior. Também passou a denunciar os abusos litúrgicos e os desvios doutrinários cometidos por setores do clero brasileiro em nome do Concílio Vaticano II. Além disso, passou a ser um dos líderes do movimento tradicionalista católico no Brasil. Como afirma Antônio Carlos Villaça, “Corção e Plínio Corrêa de Oliveira⁴⁴ [...] encarnam o catolicismo tradicionalista no Brasil”⁴⁵. É justamente este *último Corção* que é frequentemente lembrado nos meios intelectuais católicos e leigos. Um Corção que é rotulado como pensador de direita e reacionário.

4. CONCLUSÃO.

É preciso esclarecer que, apesar dos exageros e erros da última face de sua obra, Gustavo Corção continuou sendo a voz “profética e incômoda”⁴⁶ que foi desde seus primeiros escritos. Apesar de haver pontos fracos em sua argumentação, ele conseguiu perceber e denunciar os problemas sociais e morais trazidos com o advento do secularismo para a sociedade brasileira. Além disso, denunciou a postura acomodada de setores do clero católico que se utilizavam do Concílio Vaticano II como desculpa para não desenvolverem uma pastoral católica evangelizadora. Basta ver que ele denunciou os erros da Teologia da Libertação quinze anos antes da Congregação para a Doutrina da Fé publicar a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*⁴⁷ em 1984. Um documento pontifício esclarecedor sobre os objetivos e métodos dessa corrente teológica. Todavia, toda essa seqüência de denúncias, Corção só conseguiu realizar porque estava alicerçado pelo tomismo. O tomismo foi, desde seus primeiros escritos, a corrente filosófica que ajudou Gustavo Corção a compreender o homem e a sociedade moderna.

⁴⁴ Com relação ao tomismo de Plínio Corrêa de Oliveira recomenda-se consultar: SANTOS, I. “O tomismo limitante: o discurso-ação de Plínio Corrêa de Oliveira”, *Aquinate*, n.º. 9, (2009), pp. 192-200.

⁴⁵ VILLAÇA, A. C. *op., cit.*, 1975, p. 149.

⁴⁶ Braga, M. *op., cit.*, 2004, p. 252.

⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Documentos Pontifícios).

Após essas breves reflexões sobre o tomismo de Gustavo Corção é preciso repetir as palavras de Adalberto de Queiroz quando este afirma que é “preciso parar de ouvir falar mal de Corção e enfrentá-lo”⁴⁸. Criticar um autor do porte de Gustavo Corção – classificá-lo apenas de *direitista* e de *reacionário* – é uma boa maneira de não perceber, de forma consciente, todos os problemas e angústias que este autor conseguiu detectar e trazer – por meio de sua obra literária – para dentro do debate produzido no cenário cultural brasileiro.

Por fim, é preciso afirmar que ao longo de toda sua obra, incluindo sua última face, Gustavo Corção sempre indicou Tomás de Aquino como sendo o *Doctor Humanitatis*. É por causa disso que a totalidade de sua obra pode ser compreendida como sendo uma proposta de Humanismo Cristão para o século XX. Um humanismo que, de um lado, afirma a condição miserável do homem e, por isso, necessita sempre da misericórdia divina e, do outro lado, volta-se para o social, numa proposta de conversão e redenção para a sociedade. Num momento em que a sociedade e a Igreja passam por tantas crises e até mesmo pelo perigo da desumanização e da barbárie o Humanismo proposto por Gustavo Corção, fundamentado pelo tomismo, é “essencial e primordial tanto na vida pública como na vida da Igreja”⁴⁹.

⁴⁸ QUEIROZ, A. *op., cit.*, 27 de julho de 2004.

⁴⁹ BRAGA, M. *op., cit.*, 2004, p. 252.